



CORPO DE DELITO

Lisboa menina e moça

Os que vivem em bairros mais calhados para o turismo também são bem capazes de ter a tentação de negar a teoria, quando levam uma hora a fazer o percurso que antes faziam em 15 minutos, ou quando, noite adentro, e se não lhes apetece juntar-se à eterna festa de rua, levam com a festa dentro de casa



Rui Patrício

Não quero ser bota-abaixo, longe disso, nem que se pense que não sou dos que acham que Lisboa está cada vez mais alegre, menina e moça, e que o turismo lhe faz bem e lhe dá muito a ganhar. Não senhor, a cidade está bonita (pelo menos quando se consegue vê-la por entre os tapumes das obras ou para lá da traseira do carro da frente nos engarrafamentos), e o turismo dá-lhe uma vida e um rendimento que há muito não tinha. Aliás, é muito sedutora (como a luz de Lisboa) a teoria que diz que quanto mais, melhor, isto

é, quantos mais vierem e quantas mais melhorias se fizerem, melhor. Sem dúvida, e também não haveria nenhum problema se não tivesse razão Albert Einstein na sua certeira e trónica afirmação que nos diz: em teoria, a teoria e a prática são o mesmo. Mas o diabo está num detalhe (como, aliás, está sempre), o que nos recorda que essa coincidência entre uma e outra pode ser só em teoria.

Habitante de Lisboa que sou, quase todos os dias me vem à cabeça essa frase do génio suíço. E julgo que a outros habitantes de Lisboa também. Por exemplo, os que vivem em prédios onde há alojamento local são bem capazes de, nalgum apontamento de insónia embalado com cantoria alimentada a álcool, pensar que a maldita prática atraiçoa a inspiradora teoria. E os que vivem em bairros mais calhados para o turismo, que já são hoje todos quantos estão entre o Saldanha e o

Tejo, também são bem capazes de ter a tentação de negar a teoria, quando levam uma hora a fazer o percurso que antes faziam em 15 minutos, ou quando, noite adentro, e se não lhes apetece juntar-se à eterna festa de rua, levam com a festa dentro de casa, mesmo que tenham gasto as poupanças a reforçar as janelas.

E em matéria de beleza também estamos muito bem, embora aqui e ali se imponha a ironia de Einstein. Por exemplo, é fatal que ela irrompa quando se tenta apanhar um táxi nas Avenidas da República e Fontes Pereira de Melo, porque ou ficamos dentro da via e seja o que Deus quiser, ou ficamos dentro da ciclovia, que é o que está logo junto à via, sem passeio entre ambas, e seja também o que Deus quiser, ou ficamos cá atrás, no passeio, a esbracejar, e o taxista nem com binóculos nos vê. Mas estão bonitas, as avenidas, lá isso estão. E as ruas e os passeios calceta-

dos de novo, num abrir e fechar de olhos, respetivamente com paralelepípedo bem cortado e bela calçada portuguesa, também estão uma beleza, mas a prática desfeia a teoria quando, uma semana depois, abate tudo por baixo, e o que antes era um lindo tapete se transforma numa bela montanha-russa, boa para a contemplação mas imprópria para transitar.

Ou seja, há dias em que a aborrecida prática destrona a luminosa teoria e leva quem vive em Lisboa a querer fugir dela. E se tal acontecer, é difícil que ela se encha novamente de portugueses, a não ser que se transformasse em prática a teoria que diz que era bom que houvesse generalizadamente dinheiro para pagar as rendas e os preços das casas que se praticam na cidade. Mas alegre, menina e moça, lá isso ela está.

Escreve quinzenalmente à sexta-feira



A capital está mais alegre, menina e moça, lá isso está